

O TEMPO PSICOLÓGICO COMO FERRAMENTA DE TORTURA NO CONTO “O POÇO E O PÊNULO” DE EDGAR ALLAN POE

Jonas Eduardo ROCHA*

- **RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo analisar a maneira como Edgar Allan Poe, através da construção do tempo psicológico, cria o efeito de suspense e terror característicos da tortura. Para isso, foi realizada uma pesquisa sobre a Inquisição Espanhola, baseado em autores como Kamen (1966), de modo a entender o período em que se passa a história do conto “O Poço e o Pêndulo”. Em seguida, foi feita uma pesquisa sobre a literatura gótica, a partir de contribuições de Rossi (2008) e com base nas características estilísticas de Poe, seguida de um estudo sobre os elementos estruturais do gênero conto e da construção do tempo em narrativas, fundamentado em autores como Todorov (1980), Gotlib (1995) e Moisés (1994). Por fim, tendo como base os estudos citados, foi realizada uma análise acerca de como Poe utilizou esses elementos - seguindo a tendência gótica - de modo criar no leitor o efeito de tortura psicológica proporcionada pela obra selecionada.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Edgar Allan Poe. Tempo psicológico. Tortura. Literatura gótica.

Introdução

Edgar Allan Poe é um ícone da literatura de suspense e terror do século XIX, que traz uma narrativa dinâmica, instigante, mostrando a angústia, o medo e o desespero através de um texto construído de forma única. Entre suas obras mais famosas, destacam-se o poema “O Corvo”, de 1845, e os contos “Os Crimes da Rua Morgue”, publicado em 1841, “O Gato Preto”, de 1843, e “A Carta Roubada”, escrita em 1845. Em “A Filosofia da Composição”, obra de cunho teórico criada em 1846, Poe defende a totalidade de efeito de um texto, que, tratando-se do conto, deve ser lido de uma só vez, para não se perder o efeito pretendido.

Poe é considerado por muitos o maior contista norte-americano, sendo a maior referência em se tratando de contos de suspense e terror. O autor criou um estilo

* PUCPR - Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Escola de Educação e Humanidades, Câmpus Curitiba, PR. Brasil - 80215-901. jonas_edu1@hotmail.com

Artigo recebido em 20/10/2015 e aprovado em 14/04/2016.

meticuloso de narrativa, que requer um leitor atento às minúcias do texto. Muitos são os autores que o têm como referência, e inúmeros são os estudos realizados que visam analisar suas obras e estilo, com o intuito de investigar o que o torna tão relevante e inovador. Baseando-se na construção do tempo no conto “O poço e o Pêndulo”, este artigo visa analisar a forma pela qual a construção do tempo psicológico é utilizada como método de tortura inquisitorial neste conto de Poe.

Para desenvolver o presente estudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica direta, segundo Lakatos e Marconi (2001), sobre o período inquisitorial espanhol – momento histórico em que se passa o enredo do conto. Em seguida, será apresentada uma análise sobre as características do estilo literário denominado “gótico”, do qual Poe é um dos representantes mais relevantes, de modo a compreender por que o medo, o suspense e o sombrio são elementos tão recorrentes nas obras do autor. Também foi feita uma revisão bibliográfica acerca das características estruturais do conto, baseada em trabalhos propostos por Massaud Moisés e o próprio Edgar Allan Poe (mais especificamente em “A Filosofia da Composição”), bem como em estudos sobre a construção temporal em narrativas.

Por fim, será averiguado como Poe estrutura seu conto, a maneira pela qual ele faz a construção do tempo psicológico na narrativa, juntamente com a estrutura e sucessão de fatos, de modo a criar o efeito de suspense e terror a partir da tortura psicológica, sob o prisma dos elementos da literatura gótica.

A inquisição espanhola

A história de “O Poço e o Pêndulo” se passa durante o período em que ocorreu a Moderna Inquisição na Espanha, mais especificamente em Toledo.

A Inquisição Espanhola aconteceu durante os anos de 1478 a 1834, com o intuito de retomar os territórios das mãos dos muçumanos e convertê-los, juntamente com os judeus, ao catolicismo. A Espanha era muito importante para o cristianismo, por defender fortemente a fé cristã, e era um perigo para Roma perder o apoio de um país com tamanha relevância. Não podendo correr riscos, a Igreja não vê outra saída a não ser prestigiar a luta espanhola em manter viva a fé católica, já abalada em outros países europeus, como Suíça, Inglaterra, Escócia, entre outros. Sobre o cristianismo na Espanha, Gonzaga (1993, p.175) relata:

[...] o cristianismo se tornou assim a alma viva da Reconquista, de sorte que, na medida em que as tropas avançavam pelos territórios antes ocupados, de imediato florescia neles a Igreja, se restabeleciam bispados, fundavam-se mosteiros, a fé era reavivada. Para os governantes e para o povo, patriotismo e religião representavam duas ideias que se fundiam, formando um todo indissolúvel. Ser espanhol era ser católico.

As prisões na Espanha foram instaladas em castelos, e suas celas apresentavam boas condições, pois as construções eram fortificadas com celas amplas e seguras. Segundo Kamen (1966, p.213): “[...] isso talvez explique a razão pela qual as prisões secretas da Inquisição eram, quase sempre, consideradas menos cruéis e mais humanas que as prisões reais ou as prisões eclesiásticas”.

Na história criada por Poe não se sabe o motivo pelo qual a personagem está presa no calabouço, e não se tem conhecimento de quem são seus torturadores. Kamen (1966, p.215) relata que, em alguns casos, os prisioneiros ficavam isolados do mundo exterior, separados um dos outros e, quando libertados, eram proibidos de revelar o que viram e vivenciaram na prisão; tal sigilo gerava inúmeras especulações e lendas sobre o que acontecia no interior dessas prisões. Levando em conta essa informação, pode-se entender que, em “O Poço e o Pêndulo”, Poe tentou sugerir o que possivelmente acontecia nesses lugares macabros. Na história não existe um contato direto entre o torturador e a vítima, e só se sabe que o prisioneiro estava sendo punido por algum motivo desconhecido do leitor. Esse mistério faz com que a sensação de suspense seja potencializada, pois não se tem conhecimento de qual será o fim da personagem, o motivo de sua prisão e qual a gravidade das acusações, tornando praticamente impossível inferir o que está por vir.

No conto de Poe, percebe-se que há uma especial atenção ao lado psicológico da tortura. O fator psicológico é tido, em casos de tortura, como elemento chave para se obter o resultado almejado. Em muitos casos, bastava que o acusado fosse apresentado aos equipamentos que seriam utilizados pelos inquisidores para que revelasse tudo o que sabia ou assumisse determinada falta. Conforme expõe Gonzaga (1993, p.33):

[...] exigiam-lhe, então, primeiro, o juramento de que diria a verdade. Em seguida, lhe apresentavam os instrumentos que seriam utilizados, com explicações sobre o seu funcionamento. Se, para evitar o tormento, ou no seu desenrolar, o paciente confessasse o que lhe era exigido, levavam-no para outro lugar, seguro e confortável, onde ele deveria ratificar a confissão. Se esta não fosse ratificada, voltava-se à tortura, em dias subsequentes.

Partindo dessas informações, pode-se notar que no conto de Poe o prisioneiro sofre terríveis castigos, como alimentação escassa, paredes em chamas que o encurralam até um poço e o mais terrível de todos: o pêndulo em forma de lâmina que desce em direção a seu corpo atado por cordas. Todas essas práticas são relatadas por Poe de uma forma angustiante, partindo da percepção do protagonista, mais especificamente de seus pensamentos; o autor faz com que o leitor vivencie com a personagem todo aquele momento de terror. Esse lado psicológico, introspectivo, é uma característica bastante marcante em suas obras. Segundo Spiller (1967, p.111), “Poe descobriu um caminho que conduzia aos recônditos sombrios da alma humana

e criara uma forma poética capaz de expressar de maneira simbólica e direta seus tormentos íntimos”.

Portanto, ao abordar a tortura no período da Inquisição Espanhola, Poe criou uma atmosfera de medo, obscura, adequada à situação assustadora vivenciada pelo condenado. O cenário sombrio, a tortura, o medo e o suspense vão de encontro às características da literatura denominada gótica, que será abordada a seguir.

Gótico: o lado sombrio da literatura

Para se entender em que consiste a literatura denominada gótica, faz-se necessário entender como surgiu o “gótico”. Para isso, é interessante voltar-se para a chegada e expansão dos povos bárbaros no continente europeu.

Por volta do século VI d.C., os povos que habitavam a antiga Escandinávia (vândalos, jutos, suevos, godos, visigodos e ostrogodos, mais conhecidos como *vikings*), saem em busca de expansão territorial. Devido à extrema habilidade de navegação, invadem pelo mar inúmeras regiões até então dominadas pelo já decadente Império Romano. Esses povos foram denominados “bárbaros”, pois eram considerados incivilizados pelos romanos, que proclamavam sua superioridade intelectual e cultural.

Os *vikings* eram povos guerreiros, nômades, habilidosos navegadores e acostumados com o inverno rigoroso da Escandinávia. Devido à condição climática da região, eram acostumados a conviver na maior parte do ano com a falta de luminosidade solar. Dessa forma, suas construções tinham por objetivo único serem práticas e protegerem contra frio e chuva; eram quadradas, com teto pontiagudo, de modo a evitar o acúmulo de neve nos telhados. Após vários séculos de instalação dos bárbaros na Europa, a cultura desses povos foi totalmente incorporada, ocasionando o surgimento de línguas como o sueco, o dinamarquês, o alemão, o norueguês, o islandês e o inglês. Sua cultura também foi incorporada ao cristianismo, dando origem ao estilo arquitetônico denominado gótico (ROSSI, 2008). O estilo arquitetônico gótico, caracterizado pelas cores sóbrias, era o oposto das construções românicas, com suas colunas e arcos brancos; essa oposição revelava também um contraste religioso e cultural.

No século XVIII surgiu um movimento que gerou crise nos ideais religiosos: O Iluminismo. Esse movimento era baseado na razão e nos conceitos aristotélicos, em detrimento da subjetividade. A literatura, com o Neoclassicismo, voltou sua atenção à Grécia e Roma antigas. Porém, na segunda metade do mesmo século, nasce na Inglaterra um movimento contrário ao Iluminismo, denominado literatura gótica.

O gótico traz à literatura o sombrio, o terrível, cenários macabros, personagens insanos; o horror em contraponto ao belo proposto pelo Iluminismo. Os iluministas

preocupavam-se com a ciência, com a coletividade e com a razão, deixando à margem o indivíduo, o humano. Com o gótico, a literatura passou a enfatizar a individualidade do ser humano, de uma forma impactante. Surge como uma mistura entre a tendência Realista, baseada na verossimilhança, e o Romantismo, porém sem excessos nem de um nem de outro movimento.

O movimento literário gótico ganhou muita força na Inglaterra, mais do que em países como a França - a origem da arquitetura gótica - por vários motivos. Por estar geograficamente isolada do continente, a ilha sofreu menos influência greco-romana que seus vizinhos europeus. Como o acesso era difícil e os romanos não possuíam grandes habilidades na navegação, a região não sofreu tanta influência das ideias iluministas quanto o continente. Sendo assim, a base da cultura inglesa veio majoritariamente dos *vikings*, e seu imaginário foi povoado, desde o início, por monstros, castelos, sombras. Portanto, muito antes do século XVIII, quando surge o termo “literatura gótica”, alguns dos elementos desse estilo literário já estavam presentes na cultura inglesa.

Três são os elementos básicos para a construção da psicologia do medo, conforme Rossi (2008): o estranho, o terror e o horror. Primeiramente, se tem um fato incomum, que causa desconforto, estranhamento; há uma situação inusitada, que gera o medo. O terror surge da manifestação de algo estranho no mundo real, que abala o senso de realidade; é o suspense. O horror, por sua vez, consiste em um ato de violência, que pode se manifestar tanto física como psicologicamente, normalmente no clímax da história. Esses elementos se unem na construção da narrativa, ocasionando, portanto, o efeito pretendido por esse tipo de literatura.

A literatura gótica continuou com força total na Inglaterra durante muitos anos. Algumas obras de grande relevância são: *Os Mistérios de Udolfo*, escrita por Ann Radcliffe, publicada em 1794, que envolve conflitos, castelos mal-assombrados, mortes, mistérios, no melhor estilo gótico, com grande qualidade estética; *Frankenstein*, de Mary Shelley, publicada em 1818, a qual cria uma nova vertente do gótico – a ficção científica; *O Retrato de Dorian Gray*, lançada em 1890, por Oscar Wilde; *Drácula*, publicada em 1897 por Bram Stoker, que narra história do vampiro mais célebre da literatura mundial – e também do cinema -, entre tantas outras.

Durante a Era Vitoriana, no final do século XIX, a literatura gótica em língua inglesa sofreu forte decadência, por consequência da revalorização dos ideais iluministas presentes nessa época. Em contrapartida, na América do Norte a literatura ganha importância graças a dois grandes mestres do gótico: Nathaniel Hawthorne e Edgar Allan Poe, já citado anteriormente. Ambos dão continuidade à estética gótica, já em crise no velho continente.

Com Poe, na segunda metade do século XIX, nasce outra variante da literatura gótica, nos Estados Unidos, tendo a psicologia do crime e a lógica da mente humana como elementos principais – o romance policial. Com o detetive Auguste Dupin,

Edgar Allan Poe inaugura nos Estados Unidos, em 1841, o subgênero que mais tarde influenciaria as histórias de Sherlock Holmes. Além disso, apresenta uma preocupação a mais em suas obras, além do suspense e do terror: o efeito no leitor. Em “A Filosofia da Composição” publicada em 1846, defende a totalidade de efeito de uma obra, que, no caso do conto, deve ter uma extensão suficiente, aliada à construção do enredo, de modo a ser lida de uma vez só, para que não perca o efeito pretendido. Seu ensaio, ao relatar todo o processo de criação do poema “O Corvo”, evidencia o ato criador como fruto de reflexão e planejamento, de modo a conseguir fazer com que o leitor sinta o efeito que se pretende com a obra. Tal afirmação fica evidente pelo seguinte excerto:

[...] nada é mais claro do que deverem todas as intrigas, dignas desse nome, ser elaboradas em relação ao epílogo, antes que se tente qualquer coisa com a pena. Só tendo o epílogo constantemente em vista, poderemos dar a um enredo seu aspecto indispensável de consequência, ou causalidade, fazendo com que os incidentes e especialmente, o tom da obra tendam para o desenvolvimento de sua intenção. (POE, 2000, p.37).

Fica clara, portanto, a preocupação de Poe em construir uma obra completa, criteriosa, detalhada e coerente, visando, como já foi dito, o efeito no leitor. Tamanha ênfase dada à estrutura faz com que as obras de Poe transmitam ao leitor toda a angústia vivida pelas personagens, como a terrível situação de tortura vivenciada pelo prisioneiro em “O Poço e o Pêndulo”.

Edgar Allan Poe: o gênio do excesso

Edgar Allan Poe teve uma vida cercada de tragédias, desilusões e contratemplos; perdeu seus pais – dois atores sem sucesso - muito cedo, vítimas da tuberculose, tinha uma irmã epiléptica e um irmão também tuberculoso. Foi adotado por um rico comerciante e passou grande parte de sua infância em um colégio interno. Teve uma desilusão amorosa, quando descobriu que sua namorada, Elmira Royster, estava noiva de outro. Em 1831, passou a se dedicar à literatura e se mudou para Nova York, que desde o início do século XIX tornara-se o maior centro literário dos Estados Unidos. Todas essas vivências podem tê-lo inspirado a criar histórias em que o lado sombrio, neurótico, histérico do homem é abordado de forma impactante. O terror e o suspense, auxiliados pela descrição de ambientes sombrios, são trabalhados fundamentalmente por um prisma psicológico, interior das personagens; nessa perspectiva, o tempo psicológico é peça chave para o efeito de medo e suspense pretendidos. Ao lerem-se as divagações, dúvidas, medos e devaneios das personagens, juntamente com seus sentimentos e percepções, embarca-se em uma viagem que não

pode ser delimitada cronologicamente, como a sufocante situação descrita em “O Poço e o Pêndulo”.

Apesar de Poe ser conhecido por suas histórias de terror, a variedade de suas narrativas mostra que o escritor abordava diferentes temas, com cada gênero ou subgênero demonstrando certas singularidades. “O Gato Preto” é o exemplo de conto fantástico mais aclamado do autor, enfocando o lado obscuro e perverso da mente humana. Em outros contos, como “A Carta Roubada” e “Os Crimes da Rua Morgue”, os elementos principais são o raciocínio e o poder de dedução analítica, presentes nas histórias geniais do detetive Dupin e seus casos intrigantes.

Tão importante quanto a variedade criativa, o processo de criação adotado por Poe é o que certamente torna suas obras interessantes objetos de análise. Ele se preocupava em criar – e seguir – um conjunto de regras que nortearia todo o processo de criação de uma história; nessa perspectiva, a noção de mera inspiração é descartada pelo autor. A escolha das palavras, do tema, da métrica e da rima (no caso dos poemas) é, para Poe, uma atividade engenhosa, minuciosa, buscando a totalidade de efeito. Sobre o intenso trabalho de criação literária, Poe (2000, p.38, grifo do autor) afirma:

[...] muitos escritores - especialmente os poetas – preferem ter por entendido que compõem por meio de uma espécie de sutil frenesi, de intuição estática; e positivamente estremeceiam ante a ideia de deixar o público dar uma olhadela, por trás dos bastidores, para as rudezas vacilantes e trabalhosas do pensamento, para os verdadeiros propósitos só alcançados no último instante, para os inúmeros relances de ideias que não chegam à maturidade da visão completa, para as imaginações plenamente amadurecidas e repelidas em desespero como inaproveitáveis, para as cautelosas seleções e rejeições, as dolorosas emendas e interpolações; numa palavra para as rodas e rodinhas, os apetrechos de mudança no cenário, as escadinhas e os alçapões do palco, as penas de galo, a tinta vermelha e os disfarces postiços que, em noventa e nove por cento dos casos, constituem a característica do *histrião* literário.

Muitos foram os autores e críticos que descobriram e reconheceram, na época, a genialidade de Poe; entre eles estão Dostoievski e Baudelaire (este último quem deu título de *Histórias Extraordinárias* à coletânea de contos de Poe), que defendiam e exaltavam a capacidade do autor de tratar os excessos e exceções da vida e da natureza humana. Todorov (1980, p.156) completa: “Poe é o autor do extremo, do excessivo, do superlativo; leva cada coisa aos seus limites – além, se for possível”.

O tema que mais atrai Poe, que leva seu limite ao extremo em suas obras, é a morte. O assassinato aparece em diversas obras, como em “O Coração Revelador”, no qual a vítima é sufocada por um homem perturbado, em “O Demônio da Perversidade”, no qual a morte acontece por envenenamento, em “Os Crimes da

Rua Morgue” as vítimas são dilaceradas por uma estranha criatura; enquanto em “O Barril de Amontilado” a vítima é enterrada viva. Já em “A Queda da Casa de Usher”, Poe trata da catalepsia, mostrando o caso de pessoas enterradas vivas por acreditar-se estarem mortas. Em “O Poço e o Pêndulo” há a ameaça de morte constante, até o último momento da obra, apesar de não se concretizar. Essa fascinação pela morte, e a forma extremada como é tratada, vão ao encontro da tendência, já mencionada, de explorar de forma intensa e sistemática os limites, fazendo com que os superlativos e o exagero descritivo sejam abundantes. Essa característica descritiva é explicada por Todorov (1980, p.158, grifo do autor):

O que importa compreender, no entanto, é que essa fascinação pela morte não resulta diretamente de não se sabe que pulsão mórbida: é o produto de uma tendência global que é a exploração sistemática dos limites a qual Poe se entrega (o que se poderia chamar seu “superlativismo”).

Seguindo a tendência literária gótica, as histórias criadas por Poe se passam em castelos ou casas antigas, em lugares distantes, macabros, muitas vezes insólitos; não se encontra em suas obras relatos da vida cotidiana americana do século XIX. Com relação ao espaço, Poe não faz descrições aprofundadas, informando o necessário para o transcorrer da narrativa. Por outro lado, o detalhamento será dado às personagens, seus pensamentos e personalidade, bem como à construção da narrativa, ao “como” contar a história. “Poe é um aventureiro, mas não no sentido banal da palavra: explora as possibilidades do espírito, os mistérios da criação artística, os segredos da página branca.” (TODOROV, 1980, p.160).

A estrutura do conto e a unidade de efeito

Conforme mencionado na seção anterior, Poe levou ao extremo sua preocupação com a estrutura de suas narrativas; segundo o autor, só se atinge a totalidade de efeito se a obra seguir certas “regras” estruturais. Em se tratando do gênero conto, Poe defende que sua extensão é essencial para se obter o efeito pretendido.

A palavra “conto” originou-se de contar, ou seja, relatar um fato ocorrido ou uma história. Com o tempo, essa narrativa oral evoluiu para a escrita, partindo daí o que hoje conhecemos como gênero narrativo “conto”. Conforme sintetiza Nádya Battella Gotlib (1995, p.130, grifo do autor):

[...] a história do conto, nas suas linhas mais gerais, pode se esboçar a partir desse critério de invenção, que foi se desenvolvendo. Antes, a criação do conto e sua transmissão oral. Depois, seu registro escrito. E posteriormente, a criação por escrito dos contos, quando o narrador assumiu essa função: de contador-criador-escritor de contos, afirmando, então, seu caráter *literário*.

Massaud Moisés (1994, p.20) define as características básicas do gênero conto, enfatizando que:

[...] todos os ingredientes do conto levam a um mesmo objetivo, convergem para um mesmo ponto. Assim, a existência dum único conflito, duma única “história”, está intimamente relacionada com essa concentração de efeitos e de pormenores: o conto aborrece as digressões, as divagações, os excessos. Ao contrário, exige que todos os seus componentes estejam galvanizados numa única direção e ao redor dum só drama.

Dentro do que hoje é classificado e entendido como conto, existem algumas subdivisões. O conto maravilhoso, segundo Gotlib (1995), traz personagens, lugares e tempos indeterminados historicamente; sua estrutura está mais próxima às histórias contadas de forma oral, normalmente para crianças. A partir do conto maravilhoso, com o passar dos tempos, novas maneiras de se criar um conto foram surgindo, e novos elementos incorporados. Os contos de terror, de mistério e os contos policiais surgem seguindo uma origem estrutural comum, porém apresentando distinções quanto à maneira de contar. Elementos estruturais, como a extensão, são comuns aos diferentes tipos de contos. Segundo Edgar Allan Poe (2000), deve-se ter cuidado em dosar a obra, de modo a manter, do início ao fim da história, a excitação por parte do leitor. Sendo assim, conforme explica em “A Filosofia da Composição”, um conto deve ser lido de uma só assentada; se houver interrupções, isso irá afetar a totalidade de efeito pretendido. Partindo desse pressuposto, todo elemento que não mantiver relação direta com o efeito deve ser eliminado, pois se deve conseguir, com o mínimo de meios, o maior número de efeitos possível. Além do cálculo proposto por Poe, outro elemento importante precisa ser levado em conta no momento de se escrever um conto: qual o efeito que o autor quer causar no leitor?

Tendo em mente o efeito pretendido (medo, estranhamento, encantamento, etc.), o autor precisa fazer uma escolha minuciosa dos fatos narrados ou do tom a ser usado. Para a escolha do tema e do efeito pretendido, bem como a maneira com que a história será construída, exige-se do autor do conto imenso domínio das ferramentas narrativas. Nesse aspecto, Poe mostrou-se extremamente competente e inovador, pois sabia como ninguém instigar o leitor por meio de histórias construídas minuciosamente. Em se tratando de contos de terror, nos quais Poe é referência, o efeito causado no leitor tem grande importância, pois a expectativa e o suspense são elementos essenciais. A maneira engenhosa com que Poe criava suas histórias fez com que suas narrativas de terror obtivessem enorme sucesso, desde seu lançamento até os dias atuais.

O tempo na narrativa

A construção temporal em narrativas é de elementar importância; com o enredo e o espaço, constitui os elementos básicos de qualquer história. Para Poe, o tempo é utilizado como ingrediente essencial na obtenção do efeito pretendido. Nos contos de suspense e terror, a construção do tempo deve ser feita de forma minuciosa, de modo a transmitir ao leitor um efeito, fazendo-o sentir a angústia e o medo das personagens.

Ao se tratar da construção temporal em narrativas, Moisés (1994, p.23) defende que “[...] o conto repugna a duração bergsoniana ou a complicada inserção de planos temporais, feita com o auxílio da memória associadora de fatos passados, ou de outro expediente análogo”. No entanto, na obra de Poe, o tempo é justamente uma ferramenta importantíssima da construção do suspense e do medo, sendo, portanto, um elemento complexo e elaborado de forma engenhosa em suas criações.

Massaud Moisés (1996) propõe dois tipos de tempo: o cronológico ou histórico e o psicológico ou metafísico. De acordo com o autor:

[...] o primeiro corresponde à marcação das horas, minutos e segundos, no relógio, de acordo com o tempo físico ou natural, disposto em dias, semanas, meses, anos, estações, ciclos lunares, etc. Por sua vez, o tempo psicológico caracteriza-se por desobedecer o calendário e fluir dentro das personagens, como um eterno presente, um tempo-duração (no conhecido dizer de Bergson), sem começo, meio nem fim. (MOISÉS, 1996, p.102).

O tempo cronológico é mais perceptível na construção de uma narrativa, pois nota-se com mais facilidade o período de tempo em que uma história se passa; no entanto, o tempo psicológico torna-se um elemento mais complexo. Compreender de que forma o tempo se desenrola em uma obra literária não é uma tarefa simples, afinal tanto o tempo cronológico quanto o psicológico apresentam-se simultaneamente como ferramentas essenciais na construção do texto. Jean Pouillon (1974) defende que, entre o desencadear do tempo cronológico, há uma série de intervenções. Ao fazer essa afirmação, Pouillon defende que o tempo psicológico, ou metafísico, caminha paralelamente ao tempo cronológico, dando sentido aos acontecimentos descritos na narrativa. São os pensamentos, as divagações e as reflexões das personagens que irão dar sentido ao que está sendo contado na história, e não apenas a simples sucessão de fatos. Como sintetiza Bachelard (1994, p.87) “[...] o tempo tem várias dimensões; o tempo tem uma espessura. Só aparece como contínuo graças à superposição de muitos tempos independentes.”

Em “O Poço e o Pêndulo”, o paralelismo entre o tempo cronológico e o psicológico é um ponto importante da construção narrativa. O narrador relata os acontecimentos durante sua prisão, que durou alguns dias, mas estão presentes inúmeras reflexões, pensamentos, divagações e angústias, dando a sensação de que

se passou muito mais tempo. O fato de o narrador ser também o protagonista da história faz com que o aspecto psicológico dessa personagem apareça com mais minúcia e relevância na narrativa, pois relata detalhadamente o que se passou durante a prisão.

O narrador protagonista, segundo Arnaldo Franco Junior (2005), é aquele que narra a história em 1ª pessoa, a partir de sua própria experiência, fazendo o registro de seus pensamentos, sentimentos e percepções. Em “O Poço e o Pêndulo”, devido à presença de um narrador protagonista, os sentimentos, pensamentos, divagações e angústias da personagem estão fortemente presentes, seguindo um tempo psicológico. Nas obras de Poe, a escolha da narrativa em 1ª pessoa é bastante comum e cria uma impressão de realismo em histórias irreais. No caso do conto analisado, aliado à extensão da obra, possibilita ao leitor vivenciar os acontecimentos de forma mais intensa, atingindo, portanto, o efeito pretendido.

Em “O Poço e o Pêndulo” o leitor acompanha a história de um prisioneiro durante o período inquisitorial ocorrido na Espanha. Após ser julgado e condenado, o homem se vê preso em um obscuro calabouço, e as lembranças do dia da sentença, juntamente com o medo do que poderá acontecer, deixam-no transtornado. Na tentativa de vasculhar sua escura cela, o prisioneiro tropeça e, na queda, descobre a existência de um poço. Ao evitar a queda no terrível poço, ele acredita ter frustrado os planos dos inquisidores em matá-lo. No entanto, o pior dos martírios estava por vir: após um dos vários momentos de inconsciência, o homem acorda e descobre que está atado por cordas, e que um enorme pêndulo, em formato de lâmina, está descendo lentamente em direção a seu corpo. Essa situação faz com que o sofrimento do prisioneiro seja intenso, e ele tenta de forma angustiante se livrar do terrível destino que o aguarda. Todos esses momentos de medo, angústia e sofrimento são relatados de forma avassaladora por Poe, fazendo com que o leitor vivencie cada momento de suplício do protagonista.

Neste conto, o espaço é essencial na obtenção do efeito de suspense e terror; o poço simboliza a luta contra o espaço e sua atmosfera sufocante, e as paredes que o cercam representam a impossibilidade de fugir daquela situação de encarceramento. O fato de a prisão ser muito escura potencializa a sensação de incerteza e medo, e as figuras horrendas representadas nas paredes ajudam a tornar insuportável a atmosfera do lugar. Essa situação de imobilidade, estar preso entre quatro paredes, remete à definição de Bachelard (1988, p.146) sobre o significado dos cantos de um ambiente: “[...] o canto é um refúgio que nos assegura um primeiro valor do ser: a imobilidade.”

Pode-se notar que o tempo psicológico é fortemente presente em “O Poço e o Pêndulo”. Poe faz uso desse elemento para nos transportar à realidade da personagem, nos aproximando de suas angústias, medos e desespero. A figura do Tempo, que na obra segura, ao invés de uma foice, um pêndulo, simboliza a importância da construção temporal na obra.

A descida do pêndulo, de forma lenta, faz com que a personagem vivencie de forma aterrorizante a passagem do tempo, esperando sua morte, e seu sofrimento nos transporta ao interior de seus pensamentos. Evidencia-se aí, pois, a clara distinção entre o tempo cronológico e o psicológico. Essa distinção pode ser percebida no trecho abaixo:

[...] de repente, voltam à minha alma o movimento e o som – o movimento tumultuoso do coração e, em meus ouvidos, o som de suas batidas. A seguir, uma pausa, em que tudo é vazio. Depois, vivamente, o som, o movimento e o tato, como uma sensação vibrante que penetra em meu ser. Logo depois, a simples consciência da minha existência, sem pensamento – estado em que permaneci por muito tempo. Depois, de forma extremamente abrupta, o pensamento e um trêmulo horror – o esforço descomunal para compreender o meu verdadeiro estado. Em seguida, um verdadeiro desejo de mergulhar na insensibilidade. (POE, 2010, p.89).

No trecho acima, percebe-se que o protagonista começa a retomar a consciência e descobrir sua real situação. Nota-se que ele estava em um estado de delírio e, quando volta à realidade, tem o desejo de retornar ao estado de insensibilidade, ou seja, quer fugir, pelo menos psicologicamente, daquela situação. Cronologicamente, provavelmente se passaram algumas horas, mas esse estado de inconsciência em que a personagem estava inserida faz com que perca essa noção de tempo e existência. As sensações físicas do prisioneiro, como o “movimento tumultuoso do coração”, “a sensação vibrante” que penetra em seu ser, “o pensamento e um trêmulo horror” demonstram todo o martírio sofrido pelo homem e como tudo isso o afetou psicologicamente; em um curto espaço de tempo, inúmeras sensações e sentimentos permeiam seu corpo e sua mente.

Analisando a história da Inquisição Espanhola e suas características, torna-se possível entender a escolha dos elementos presentes na obra, de modo a criar o efeito de angústia, suspense e terror. O movimento inquisitorial foi um dos períodos mais terríveis e marcantes da história da humanidade e, em se tratando de histórias em que o medo, o suspense e o sofrimento são elementos principais, esse momento histórico se torna o plano de fundo ideal para o desenvolvimento da narrativa. A tortura é uma atividade estritamente humana, que evidencia o sistema de poder que rege todas as sociedades. No período da Inquisição, essa relação de poder e dominação existente na sociedade tornaram-se mais evidentes; no entanto, situações de tortura estão presentes em diversas comunidades, nas mais diferentes épocas. Em seu estudo sobre a tortura, Alfredo Naffah Neto (1985, p.11) afirma que:

[...] como um acontecimento caracteristicamente humano, a tortura representa uma situação onde se revela, da forma a mais crua e gritante, o sistema de

poder que rege as sociedades dos homens, poder frente ao qual toda a existência estremece e onde vida e morte, opondo-se num ciclo contínuo e desesperante, revelam seu significado mais propriamente humano.

Conclui-se que em todos os casos de tortura o efeito mais devastador se dá no âmbito psicológico. Em obras literárias como o conto, o autor precisa fazer a escolha certa de quais elementos irá utilizar para que consiga passar ao leitor esse sofrimento psicológico, porém sem estender-se demasiadamente.

Como foi citado anteriormente, o gênero conto, em sua essência, preza pela brevidade e objetividade, pois o leitor deve ler sem pausas, de modo a se obter o efeito pretendido com esse tipo de narrativa. Poe deu a esse quesito extrema importância; para o autor norte-americano, o processo de criação deve ser levado a sério, planejado, pois escrever não é fruto de mera inspiração. Partindo desse conceito, nota-se que Poe faz uma escolha criteriosa das palavras a serem usadas, de modo a criar no leitor exatamente aquilo que se deseja em termos de efeito com a obra.

Em “O Poço e o Pêndulo”, a forma como o narrador-protagonista descreve os acontecimentos vividos faz com que o leitor vivencie junto com ele cada minuto de sofrimento. Para isso, Poe (2010, p.87) escolheu o detalhamento descritivo como forma de evidenciar as experiências angustiantes da personagem, como pode ser constatado já no início do conto:

Eu estava exausto, mortalmente exausto com aquela longa agonia; e, quando finalmente me desamarraram e pude sentar-me, senti que perdia os sentidos. A sentença – a terrível sentença de morte – foi a última frase que chegou, claramente, aos meus ouvidos. Depois, o som da voz dos inquisidores pareceu apagar-se naquele zumbido indefinido de sonho.

Evidencia-se, pois, que o autor fez uma escolha criteriosa das palavras a serem usadas, sempre visando o efeito pretendido. Preferiu usar “mortalmente exausto”, “longa agonia”, “terrível sentença”, em vez de apenas exausto, agonia e sentença; tais escolhas exemplificam a preocupação de Poe em enfatizar, através das palavras, o sofrimento, os sentimentos e percepções das personagens.

Aliada à estrutura narrativa, a construção do tempo é um elemento de fundamental importância na história narrada. Tendo como base as definições de Massaud Moisés (1996), que diferencia o tempo cronológico do tempo psicológico, encontra-se no conto estudado interessante objeto de análise. No conto de Poe, não se tem informações acerca do tempo cronológico transcorrido (a personagem pode ter ficado presa por dias, semanas ou até meses), o que torna a história ainda mais intrigante e angustiante. Por outro lado, o tempo psicológico é construído de maneira complexa. Em vários momentos da narrativa, a personagem sente-se confusa e desorientada quanto à passagem do tempo; em certos momentos sugere que,

possivelmente, foi introduzido algum tipo de droga em sua comida e água, fazendo com que dormisse por um tempo impossível de ser determinado. Em situações como essa, o delírio e a incerteza tomam conta do prisioneiro, e ele tenta entender sua real situação, como pode ser comprovado no trecho a seguir:

[...] eu tinha desmaiado; no entanto, não posso dizer que tivesse perdido totalmente a consciência. Não tentarei definir, nem sequer descrever, o que dela me restava. Nem tudo, entretanto, estava perdido. Em meio do mais profundo sono...não! Em meio do delírio...não! Em meio do desfalecimento... não! Em meio da morte...não! Nem mesmo na morte tudo está perdido. (POE, 2010, p.88).

A memória é um elemento bastante relevante no conto analisado. As lembranças do momento do julgamento, da voz dos inquisidores proferindo a terrível sentença, fazem com que o sofrimento do protagonista aumente cada vez mais. O fato de ele estar preso em um lugar escuro, desconhecido, sem contato com ninguém, faz com que tente entender sua condição e criar suposições acerca de seu destino. Esse desconhecido acaba gerando um grande sofrimento psicológico no condenado; em um curto espaço de tempo, as lembranças do dia da condenação, de sua prisão, da terrível voz dos inquisidores passam por sua cabeça de forma irregular e descontrolada, tornando sua situação ainda mais angustiante. Segundo Bergson (1990, p.22) “[...] não há percepção que não esteja impregnada de lembranças. Aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos misturamos milhares de detalhes de nossa experiência passada.”

Os pensamentos do protagonista permeiam a maior parte da história, propositalmente, possibilitando ao leitor experimentar vicariamente, da forma mais próxima possível, a horrível experiência vivida pelo prisioneiro; seguindo esse raciocínio, os momentos de delírio da personagem são importantíssimos para que se atinja o efeito no leitor. A importância de se destacar os delírios da personagem pode ser exemplificada com a passagem a seguir, do início da história:

[...] o som da voz dos inquisidores pareceu apagar-se naquele zumbido indefinido de sonho. O ruído despertava em minha alma a ideia de rotação, talvez em razão de associá-la, em minha mente, com o ruído característico de uma roda de moinho. Porém, isso durou pouco, pois logo depois não ouvi mais nada. No entanto, por alguns instantes, pude ver – mas com que terrível exagero! Via os lábios dos juízes trajados de preto. (POE, 2010, p.87).

Provavelmente, a intenção dos juízes da inquisição era, justamente, deixá-lo naquela situação, de modo a fazer com que perdesse a sanidade mental. A incapacidade de inferir o que está por vir desencadeia, na mente do protagonista, uma série de suposições a respeito de seu destino. Conforme propõe Pouillon (1974,

p.71), “[...] o destino [...] não passa de uma manifestação da psicologia particular de um indivíduo determinado, da maneira com que este vive numa duração que, seja como for, permanece contingente”.

Os momentos de incerteza são tão angustiantes que, em certo momento da história, a personagem tenta explorar o interior de sua cela, na busca por respostas. Ao mesmo tempo, na tentativa de obter respostas, as várias histórias e rumores sobre os horrores e mistérios das prisões de Toledo vinham à sua memória, causando medo e angústia; falavam coisas estranhas e horrendas a respeito dos calabouços, que resultavam inevitavelmente na morte do condenado. Ao levar em conta o rigor e crueldade dos juízes, o condenado tinha como certa a sua execução: “Como seria ela e a hora de sua execução eram os únicos pensamentos que me ocupavam o espírito, causando-me angústia” (POE, 2010, p.91).

Durante sua inspeção pela prisão, a personagem sofre uma queda e descobre que, no meio da obscura cela, havia um poço; por sorte, caiu com o rosto na base do poço, fazendo com que percebesse o perigo. Ao evitar uma possível queda, o protagonista acredita ter frustrado os planos dos inquisidores em causar sua morte. Porém, passa por sua cabeça a ideia de que a descoberta do poço tenha sido intencional, como forma de causar-lhe grande sofrimento, principalmente psicológico. No trecho abaixo, evidencia-se a ênfase psicológica da tortura aplicada ao condenado:

[...] para as vítimas de sua tirania, havia a escolha entre a morte com suas angústias físicas imediatas e a morte com os seus espantosos horrores morais. Eu estava destinado a essa última. Em razão dos longos sofrimentos, meus nervos estavam à flor da pele, a ponto de tremer ao som de minha própria voz, de modo que, de todos os pontos de vista, eu era uma vítima adequada para a espécie de tortura que me esperava. (POE, 2010, p.93).

Após ter conhecimento da existência do poço, o prisioneiro começa a imaginar qual será a próxima armadilha que o aguarda; só o fato de imaginar o que poderia acontecer, o desespero poderia ser tamanho a ponto do homem se jogar no poço e acabar com o sofrimento. No entanto, continua, entre momentos de incerteza e pavor, com esperanças de descobrir e evitar os martírios que estariam por vir.

O momento de maior tensão, todavia, aconteceria após a assustadora experiência com o poço. Depois de um dos vários momentos de inconsciência, o condenado acorda e percebe que está atado por cordas. Ao olhar para cima, nota que existem imagens assustadoras no teto de sua prisão; porém, uma delas lhe chama mais a atenção: a figura do Tempo que segura, no lugar da foice, um enorme pêndulo, em formato de lâmina, que se movimenta lentamente. Ele observa o pêndulo por alguns instantes, mas logo se dispersa na observação dos outros objetos da cela, que estava, nesse momento, um tanto mais clara. Poe, mais uma vez, mostra-se genial na construção dos detalhes. Não bastasse utilizar o pêndulo e seu movimento constante,

o autor optou por incluir a figura do Tempo segurando o assustador objeto em forma de lâmina, de maneira a enfatizar o papel fundamental da construção do tempo no enredo do conto.

Quando o prisioneiro percebe que o movimento do pêndulo havia aumentado significativamente, e que estava descendo, sua angústia e medo tomam proporções gigantescas. O som sibilante do terrível objeto em movimento, vindo lentamente em sua direção, potencializa sua desagradável sensação. O ápice da tortura psicológica acontece no seguinte momento:

[...] por que razão falar das intermináveis horas de horror mais do que mortal, durante as quais contei rápidas oscilações do aço? Polegada a polegada, linha a linha, descia aos poucos, de um modo apenas perceptível a intervalos que para mim pareciam séculos. E cada vez descia mais, descia mais!... Transcorreram dias, talvez muitos dias, antes que chegasse a oscilar tão junto a mim a ponto de me ser possível sentir o ar acre que deslocava. O cheiro do aço afiado entrava-me pelas narinas. Rezei, cansando o céu com minhas preces, para que a sua descida fosse mais rápida. Tomado de um desvario frenético, esforcei-me para erguer o corpo e ir ao encontro daquele espantoso e oscilante alfanje. Depois subitamente invadiu-me uma grande calma e permaneci sorrindo diante daquela morte cintilante, como uma criança diante de um brinquedo singular. (POE, 2010, p.96).

Nesse momento, o desespero é tão grande que o homem tenta ir de encontro ao pêndulo de modo a acabar rapidamente com seu sofrimento. Contar as oscilações do objeto e a velocidade de sua descida faz com que a espera pela morte seja algo insuportável psicologicamente. Percebe-se, também, que se intercalam momentos de desespero com momentos de conformidade, o que evidencia a confusão mental em que se encontra o protagonista. O prisioneiro tinha consciência de que o terrível objeto de tortura era controlado por seus inquisidores, que acompanhavam todo o seu sofrimento. Em certos momentos, passa por sua cabeça alguma esperança; mesmo naquela situação de morte iminente, seus algozes lhe enviaram alimento, o que poderia ser indício de que não era intenção dos inquisidores matá-lo através do pêndulo. No entanto, esses pensamentos logo se dissiparam, e o condenado já não tinha mais domínio de suas faculdades mentais.

As lembranças do que havia acontecido, a tentativa de descobrir o que há por vir, os fatos terríveis e confusos do presente, enfim, toda essa mescla de sensações e pensamentos inconstantes, vão ao encontro da proposta de construção do tempo psicológico, feita por Nunes (1988, p.19) “Enquanto o tempo físico se traduz com mensurações precisas [...] o psicológico se compõe de momentos imprecisos, que se aproximam ou tendem a fundir-se”.

O autor, na escolha dos elementos que constroem a narrativa, mostra-se bastante cuidadoso e criativo. Os ratos, que aparecem no momento de maior tensão da história, tornam-se muito pertinentes. “Na Europa [...] o rato personifica doenças, bruxas, demônios e duendes, nas crenças populares. Quando os ratos abandonam as casas ou o navio supõe-se, no entanto, tratar-se de alguma desgraça iminente” (LEXIKON, 1990, p.171).

De início, os animais causam repulsa no prisioneiro, pois esses, saindo aos montes de dentro do poço, devoram os restos de comida que estão na cela. No entanto, o homem vê nos roedores uma esperança de salvação: pegando os restos de comida que estavam no prato, besunta com a gordura as cordas que o atavam, fazendo com que os animais devorassem a corda e, dessa forma, o libertassem. Devido à grande quantidade de ratos descrita na obra, o fato de os roedores terem roído as cordas e libertado o prisioneiro soa um tanto estranho; instintivamente, provavelmente esses animais estariam esperando a morte do homem para, em seguida, devorar seu cadáver. Porém, o que se percebe é que os animais agem contra seus instintos, roendo a corda, tão perto do homem, acabando com a chance de uma alimentação farta.

Na história, o rato, por sua agilidade e astúcia, acaba sendo a salvação do homem que, por estar preso e atado por cordas, acaba por ter uma relação de dependência com os animais para sobreviver. Evidencia-se, pois, que o homem está afetado psicologicamente por aquela pavorosa situação; os ratos, por outro lado, representam o instinto de sobrevivência. Prestes a morrer, o homem consegue controlar seus medos e agir de forma racional, arquitetando todo aquele plano que viria a ser sua salvação, igualando-se, assim, ao pequeno roedor. Esta observação evidencia o motivo de a tortura ser uma prática estritamente humana, com um efeito psicológico devastador.

Ao se tratar de assuntos relacionados à tortura, torna-se interessante analisar ainda o limite entre vida e morte e como esses conceitos podem ser entendidos. Em situações nas quais um indivíduo é torturado, vida e morte caminham juntas, paralelamente. Submetido ao poder de um torturador, a vítima trava uma batalha para sobreviver, e a pergunta que mais aterroriza os torturados é se sairão vivos dessa experiência (NAFFAH NETO, 1985).

Por ser racional, o homem é o único ser capaz de refletir sobre vida e morte, ultrapassando o instinto de sobrevivência. Partindo desse pressuposto, é possível afirmar que a morte vai muito além de um fato puramente biológico; estar de frente com a morte pode ser considerado o mais terrível momento que um homem pode experimentar, o que gera um tormento psicológico extremamente devastador. Nessa perspectiva, em se tratando de obras literárias, a construção do tempo psicológico é primordial para que essa sensação de extrema angústia e sofrimento seja sentida também pelos leitores. Ao se deparar com a morte, inúmeros pensamentos passam pela mente do indivíduo: lembranças do passado, suposições quanto ao futuro, medo,

angústia, tristeza, terror, enfim, inúmeros pensamentos e sensações se interligam, tornando-se impossível delimitá-los.

Sendo assim, é possível afirmar que Poe construiu o tempo psicológico, interior da personagem, de forma engenhosa e genial, fazendo com que o leitor experimente junto com o torturado todos os angustiantes momentos vividos durante a prisão.

Considerações finais

Ao finalizar o presente estudo, pode notar-se que o processo de criação de uma obra literária exige do autor extrema habilidade e competência. Ao se escrever uma história, em especial um conto, seguindo os critérios estabelecidos por Poe, deve-se ter em mente o efeito que se pretende atingir no leitor. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que Edgar Allan Poe foi um mestre, pois conseguiu como ninguém dominar o processo criativo, compondo histórias instigantes, complexas e inovadoras, sempre visando alcançar um determinado efeito.

Em “O Poço e o Pêndulo” fica evidente a maneira engenhosa pela qual Poe constrói suas narrativas. Tendo em mente o efeito de suspense e terror, sob o prisma psicológico, o autor cria a história que é narrada a partir da visão do próprio torturado, o que faz com que o leitor vivencie da forma mais próxima possível toda a angústia e terror vividos pelo prisioneiro durante a Inquisição em Toledo. Por meio de uma escolha minuciosa de palavras, pelo uso dos superlativos, por uma descrição detalhada dos acontecimentos e pela construção precisa do ambiente angustiante da prisão, o conto transforma-se em um excelente objeto de análise dos métodos de tortura e seus efeitos devastadores na mente humana.

A construção do tempo psicológico é ferramenta primordial na composição da atmosfera de tortura e sofrimento. Poe conseguiu, de maneira extremamente elaborada, descrever todos os pensamentos, lembranças, devaneios, incertezas e temores vivenciados pelo condenado, atingindo, portanto, o efeito de suspense e terror pretendidos sobre o leitor.

É notória a importância de Edgar Allan Poe para a literatura mundial. Suas obras trouxeram inúmeras inovações e contribuições, fazendo com que o autor se tornasse referência incontestável de qualidade e competência literária.

Esta pesquisa é de grande importância para os estudos literários, pois foi possível identificar os motivos pelos quais Edgar Allan Poe se tornou um dos escritores mais consagrados da literatura universal, influenciando inúmeros autores desde então. A partir da análise do conto “O Poço e o Pêndulo”, pode-se perceber a maneira inovadora pela qual Poe criava suas histórias, sempre visando atingir um efeito sobre o leitor. O processo engenhoso pelo qual Poe elaborava suas narrativas torna evidente a importância do cuidado durante o processo criativo, afinal escrever não é fruto

de pura inspiração. Dessa forma, a presente análise explora uma pequena parte das obras de Poe, porém sua genialidade e sua vasta obra possibilitam inúmeros estudos, abordando diferentes aspectos da construção de uma narrativa.

ROCHA, J. E. The psychological time as a tool of torture in the tale “The pit and the pendulum” by Edgar Allan Poe. **Revista de Letras**, São Paulo, v.55, n.2, p.59-78, jul./dez. 2015.

- **ABSTRACT:** *The present article aims to analyse the way Edgar Allan Poe, through the construction of psychological time, creates the effect of suspense and terror characteristic of torture. For this, a survey on the Spanish Inquisition was conducted, based on authors such as Kamen (1966), in order to understand the period in which the story takes place in the tale “The Pit and the Pendulum.” Then a search on the gothic literature based on contributions from Rossi (2008) and stylistic features of Poe was made, followed by a study on the structural elements of the genre tale and the construction of narrative time, based on authors such as Todorov (1980), Gotlib (1995) and Moisés (1994). Finally, based on the studies cited, an analysis was made on how Poe used these elements - following the trend Gothic - to create in the reader the effect of psychological torture provided by the selected job.*
- **KEYWORDS:** *Edgar Allan Poe. Psychological time. Torture. Gothic Literature.*

Referências

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. **A dialética da duração**. São Paulo: Ática, 1994.

BERGSON, H. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

FRANCO JUNIOR, A. Operadores de leitura na narrativa. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (Org.). **Teoria literária**. Maringá: Eduem, 2005. p.35-50.

GONZAGA, J. B. **A inquisição em seu mundo**. São Paulo: Saraiva, 1993.

GOTLIB, N. B. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1995.

KAMEN, H. A. F. **A inquisição na Espanha**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2001.

LEXIKON, H. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Círculo do Livro, 1990.

MOISÉS, M. **A criação literária**. São Paulo: Cultrix, 1994.

_____. **A análise literária**. São Paulo: Cultrix, 1996.

NAFFAH NETO, A. **Poder, vida e morte na situação de tortura**. São Paulo: Hucitec, 1985.

NUNES, B. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.

POE, E. A. **O Corvo e suas traduções**. Rio de Janeiro: Lacerda, 2000.

_____. **Histórias extraordinárias**. São Paulo: Martin Claret, 2010.

POUILLON, J. **O tempo no romance**. São Paulo: Cultrix, 1974.

ROSSI, A. Manifestações e configurações do gótico nas literaturas inglesa e norte-americana: um panorama. **ÍCONE - Revista de Letras**, São Luís de Montes Belos, v.2, p.55-76, jul. 2008. Disponível em: <http://www.slmb.ueg.br/iconeletras/artigos/volume2/primeiras_letras/aparecido_rossi.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2011.

SPILLER, R. E. **O ciclo da literatura norte-americana**. Rio de Janeiro: Fundo da Cultura, 1967.

TODOROV, T. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.